

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção
em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES,
Vitória-ES.**

**MEMÓRIA SUBTERRÂNEAS EM OS SERTÕES: A VISÃO DE EUCLIDES DA
CUNHA**

Universidade Federal do Espírito Santo
Caroline Izidoro dos Santos

Resumo:

Este trabalho tem como finalidade fazer uma análise etnográfica da obra de Euclides da Cunha, “Os Sertões”, a sua dimensão antropológica a partir dos pós-modernos como Geertz, sendo que a obra euclidiana não deixa de ser descritiva, sociológica e antropológica visíveis a todo o momento na sua narrativa. A riqueza de detalhes demonstra a contraposição do discurso, Euclides esbarra com a realidade que o coloca a prova, pois ele é um jornalista de ideais republicanos que vai cobrir a guerra e lá as suas narrativas começam a contar uma história, que retrata a vida de um povo onde o autor faz analogias a todo o momento com os aspectos físicos do agreste nordestino. O autor vive a experiência e a interpreta, mas a favor dos sertanejos. O que se discute é a façanha do autor em construir a memória dos messiânicos em contraposição ao projeto civilizador republicano.

Palavras-chave: Euclides da Cunha; memória; etnografia.

1 INTRODUÇÃO

Dentre inúmeras interpretações sobre a obra de “Os Sertões” não se pode negar a constatação da experiência do narrador, Euclides da Cunha, que ao registrar a memória de um dos grandes conflitos messiânicos da época, parte da vivência de quem a testemunhou, ao menos, em seu desfecho, levando-o, no retorno, à exaustiva pesquisa do que antecipou o que lá presenciou. Pois segundo Benjamin (1994, p.13) “O narrador retira da experiência o

que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros”. O destaque que se faz no presente texto nada mais é do que a construção de uma memória subterrânea, os quais representariam uma nova identidade, a da brasilidade sertaneja desconhecida aos litorâneos da rua do ouvidor (VILLAS BÔAS, 1997).

Mesmo diante de um “mundo” desconhecido e negado ao projeto moderno republicano, Euclides constrói uma narrativa sobre Canudos, traçando detalhes físicos e geofísicos daquela Terra; faz conhecer o Homem sertanejo, miserável e, diante da concepção *spenceriana*¹ da época, seu discurso é pautado a concebê-los como uma “raça inferior”; e a Guerra que, ao contrário de se obter um silêncio em relação à violência, ao qual corresponde os ataques dos militares ao povo de Canudos, se faz um traçado histórico sobre a imposição dos ideais da cultura moderna aos sertanejos.

Em sua obra “Os sertões”, na concepção benjaminiana, os registros escritos já não sofrem mudanças conjunturais advindas de cada nova narração, ou seja, a narração “uma forma artesanal de comunicação” (BENJAMIM, 1994, p.9) possibilita o processo de “negociação” entre o narrador e o ouvinte e se tornando romance esse processo “está deslocado para um contexto de solidão do leitor” (KESSEL, 2003, p.37).

Por isso a análise sobre a narrativa de “Os Sertões” revela a dimensão dos conflitos subjetivos de Euclides à descrição completa, é o sertão nordestino sendo revelado a partir da ótica do autor. Sua primeira missão é o registro de toda a ação militar contra Canudos, contra o povo de Antônio Conselheiro - esse uma figura carismática que para Euclides da Cunha não correspondia a um louco e sim um homem sábio - a cobertura dos feitos republicanos a abolição dos opositores.

Logo depois, a sua narrativa se volta a descrever quem são os sertanejos, o que sustenta esse povo que ao mesmo tempo é sedento de fome, é também forte o bastante para resistir às atrocidades do projeto moderno. Rezende (2001) em seu artigo analisa bem a analogia que Euclides faz entre a terra e o homem demonstrando a degradação no plano físico a

¹ Herbert Spencer foi um filósofo inglês e um dos representantes do positivismo.

partir da degradação social, ou seja, a degradação das condições naturais é uma alusão ao mundo social. E a resistência dos sertanejos assemelha-as a resistência das plantas.

A análise etnográfica da obra de Os Sertões permite encontrar pontos comuns a uma narrativa da nação, onde fatos históricos são construídos/imaginados assim conforme Hall (2005) uma “comunidade imaginada”. São esses conceitos de memória, interpretação das culturas e o trabalho etnográfico que serão discutidos e interpretados na obra de “Os Sertões” de Euclides da Cunha, a fim de concebê-lo também como uma descrição das culturas que representa um outro Brasil, o qual nunca poderia se enquadrar num projeto planejado de Nação.

2 A CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA

Ao situarmos a obra de “Os Sertões” no tempo e espaço evoca-se ao período em que o Brasil pensava em um projeto de Nação baseado nas discussões e revoluções européias e norte-americanas, que se fundamentava segundo Villas Boas (1997, p.2):

No contexto da civilização ocidental e das utopias eurocêntricas, a idéia de tempo passado está estreita e intimamente ligada ao projeto universalista e iluminista de organização de uma sociedade igualitária e racional, no sentido weberiano de adequação de meios a fins.

A construção da nação e do Estado moderno atribuía-se nesse momento ao período republicano que precisava firmar-se como legítimo em contraposição a tradição imperial que deixava suas marcas em datas e eventos da família de Bragança. Havia a necessidade de construir os “lugares de memória” -, marcando um espaço simbólico nacional-republicano” (MOTTA, 1992, p.13).

Segundo Motta (1992) trata-se da construção do imaginário social, ou seja, a construção de uma identidade coletiva a partir dos acontecimentos construídos pelo estado, o projeto republicano partiria da memória coletiva para sua legitimação como regime.

É importante dar destaque ao que pretendia o regime republicano para entendermos a formação política e social o qual Euclides da Cunha estava inserido e sua total transformação na sua experiência, cuja ação resultou numa grande fonte etnográfica por se tratar de uma experiência de campo descritiva e densa na perspectiva de Geertz (2005).

Retomando a questão sobre memória, podemos destacar o que Motta (1992) cita em seu texto sobre a obra de George Orwell em seu livro sobre o grande irmão, uma sociedade que vive obrigada a esquecer do próprio esquecimento. O ponto em comum entre a narrativa de “Os Sertões” e a obra ficcional de “1984” pode ser a busca do poder pelo poder. E a memória em questão é o próprio instrumento de poder. Neste caso o regime republicano assumiria a rédea da memória nacional. Podemos atribuir a isso – a memória coletiva – de acordo com Le Goff (2003) que esta sempre foi importante na luta pelo poder governadas pelas forças sociais.

Apoderar-se da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 2003, p.12).

Logo após a construção da memória nacional vem a busca por sua credibilidade e aceitação, um intenso trabalho de organização para chegar ao que Pollak apud Motta (1992) denomina de “enquadramento da memória”,

Não se trata de uma manipulação pura e simples, imposta mecanicamente de cima para baixo. O próprio Pollak alerta que este “enquadramento da memória” tem limites, uma vez que deve satisfazer a certas exigências de justificação, que não podem ser arbitrariamente desconsideradas (MOTTA, 1992, p.12).

Disposto a expandir seu projeto moderno, o Estado, sabendo de uma suposta contra-armada de Canudos, uma região castigada pela seca e por uma intensa crise econômica na época e, distinta culturalmente comparada ao sudeste, monta sua expedição armada para “silenciar a história”, calar os opositores da modernização, paradoxalmente, impunha a democracia baseado nos ideais de liberdade, fraternidade e igualdade da Revolução Francesa, numa atitude devastadora sobre os rebelados do sertão.

Em “Os Sertões”, Euclides deixa claro em muitas passagens a sua posição quanto as atitudes militares, pois não se opõe ao projeto moderno, mas sim a sua violência. E é nesse momento que Euclides lhe “punha em xeque suas crenças e ideais republicanos e modernos (VILAS BOAS, 1997)”. Esta ideia será mais discutida no próximo tópico a partir da perspectiva de Geertz (2005).

3 A EXPERIÊNCIA ANTROPOLÓGICA: POR UMA DESCRIÇÃO DENSA DE EUCLIDES DA CUNHA

Muito já foi dito sobre a obra de Euclides da Cunha como uma obra histórica, geográfica, literária, não deixando de ser também uma narrativa poética e descritiva tal como um uma fonte etnográfica. Geertz (2005) nos fala sobre a importância da descrição densa do etnógrafo, a sua forma de persuadir o leitor no que se escreve.

[...] analisar, explicar, divertir, desconcertar, celebrar, edificar, desculpar, estarrecer ou subverter. O vínculo textual entre as facetas do Estar lá e do Estar Aqui da antropologia, a construção imaginativa de um terreno comumente entre o Escrito A e o Escrito Sobre [...] é a *fons et origo* de qualquer capacidade que tenha a antropologia de convencer alguém de alguma coisa [...] (GEERTZ, 2005, p.188).

O fato de ter e “Estado Lá”, para Geertz (2005) representa a legitimidade ao fato descrito por Euclides - oficialmente não indo a campo como etnógrafo e sim como jornalista – que convence em seus relatos. Podia-se dizer, porém, que sendo enviado à Canudos como

repórter republicano sua descrição poderia estar comprometida por um caráter ideológico pautado pelo regime em voga.

Mas nota-se que condiz sim ao caráter original de início, mas que é desconstruído a partir do trabalho minucioso e descritivo da sua narrativa. Euclides da Cunha recebe a função de relatar a história da guerra de Canudos, dos feitos dos militares e cobrir a matéria jornalística em prol republicano. Mas seu olhar sob aquela gente começa ser outro, começam suas observações de buscar no clima, na terra e na interpretação das culturas as razões que explicam aquele outro Brasil até então desconhecido aos litorâneos.

A essa descrição que se insere na obra de Os Sertões trata-se da visão micro que Geertz defende para uma análise da cultura. Ao que esse autor sugere é que a descrição seja de uma forma densa e que “piscadelas burlescas” sejam levadas em conta numa observação de campo. Segundo a ciência interpretativa na visão de Geertz:

[...] entre anotar o significado que as ações sociais particulares têm para os autores cuja as ações elas são e afirmar, tão explicitamente quanto nos for possível, o que o conhecimento assim atingido demonstra sobre a sociedade na qual é encontrado e, além disso, sobre a vida social como tal. Nossa dupla tarefa é descobrir as estruturas conceptuais que informam os atos dos nossos sujeitos, o “dito” no discurso social, e construir um sistema de análise em cujos termos o que é genérico a essas estruturas, o que pertence a elas porque são o que são, se destacam contra outros determinantes do comportamento humano. Em etnografia, o dever da teoria é fornecer um vocabulário no qual possa ser expresso o que o ato simbólico tem a dizer sobre ele mesmo – isto é, sobre o papel da cultura na vida humana (2005, p.38).

Intenta aqui tratar a sua obra como uma interpretação sócio-antropológica de uma cultura que teve na época a sua compreensão equivocada, de modo a ter sido dizimada. Conforme Pollak (1989) o relato que Euclides faz sobre os sertanejos trata-se de memórias subterrâneas, onde se constituíam de vidas invisíveis ao que era socialmente legitimado a partir de princípios nacionalistas por forte influência evolucionista. Nela não se admitia ao desenvolvimento de uma sociedade baseado numa mestiçagem. Para o autor tratam-se de memórias que estão em conflito com a memória oficial, e quando essas memórias

subterrâneas invadem o espaço público, como foi a revolta de Canudos e seu embate às tropas republicanas, há na verdade uma disputa de memórias.

O regime republicano com sua intenção de criar “espaços de memória”, datas e festejos comemorativos da pátria silenciou muitas outras memórias que contariam uma história diferente do que foi o Brasil. Em contraposição da memória subterrânea tem a memória oficial dada aos “vencedores” que conforme Motta (1992) foi mecanicamente imposta à sociedade.

O que pode ser posto é que povo de Canudos não seguia a mesma lógica do “progresso” estabelecido pelo regime republicano, tratava-se de uma parte do Brasil que na concepção de Euclides, sendo um evolucionista, se fazia “atrasado” característico pela sua mestiçagem, pelo clima, pelo solo que ele afirma explicar o que era aquela gente:

Dos breves apontamentos indicados, resulta que os caracteres geológicos e topográficos, a par dos demais agentes físicos, mutuam naqueles lugares as influências características de modo a não se poder afirmar qual o preponderante. Se, por um lado, as condições genéticas reagem fortemente sobre os últimos, estes, por sua vez, contribuíram para o agravamento daquelas; - e todas persistem nas influências recíprocas (CUNHA, 1991, p.22).

A esse parágrafo podemos retomar mais uma vez Geertz (2005) quando fala sobre a construção de um sistema de análise na procura de saber o que é genérico a tais estruturas, o que pertence a elas porque são o que são. A profundidade a qual Euclides descreve e analisa a população de Canudos ligando o Homem a Terra mostra que não se deu no vazio ou numa interpretação partindo de observações superficiais. O seu profundo conhecimento do solo, advindas da formação de engenheiro, o fez entender o quanto àquela gente se ligava a própria terra dura e seca, indagava-se sob admiração da grande resistência dos sertanejos aos ataques dos militares.

Villas Boas (1997) nos fala que se trata de “dois tempos que fundam duas sociedades, dois estilos de vida, duas culturas [...]”, os quais Euclides da Cunha reconhece, mas não crê na sua autoridade. Para Pollak (1989) trata-se de uma “memória étnica” e nos afirma que:

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "memória oficial", no caso a memória nacional (POLLAK, 1989, p.4).

Nessa perspectiva Euclides a partir dessa empreitada de relatar os fatos evidencia através da literatura essa memória subterrânea, dando vozes aos sujeitos como os sertanejos, os tabaréus, ou seja, os genuinamente brasileiros. Euclides fala de outra brasilidade que não segue ao projeto civilizatório europeu.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É visto que o destaque antropológico da obra de Euclides da Cunha não se faz de uma maneira forçada e sim por ela mesma descreve uma sociedade que precisava ser estudada pelas suas características distintas da região litorânea brasileira. Citar Geertz (2005) é imprescindível, pois a defesa de fazer uma antropologia que parta do “micro”, da experiência de “Estar lá” do antropólogo justifica ainda mais a façanha de Euclides da Cunha.

Sua habilidade para o observável e compreensível, levou o autor da obra de “Os Sertões” a uma dimensão maior do que se tratava aquele momento, o período republicano com sua ideologia pautada nos ideais das conquistas da revolução francesa. Indagava-se logo após o massacre violento à população sertaneja e messiânica de Antônio Conselheiro, sobre a ação errante e paradoxal do projeto de civilizador.

A obra, considerada neste artigo como uma descrição de “memórias subterrâneas” se mostra reveladora de um Brasil diverso, mestiço, sertanejo, religioso, todas essas

características ligadas uma a outra que caracterizavam a região “atrasada” que chegaria, na concepção de Euclides, a uma evolução de uma sociedade civilizada. O que se pode notar é que essa memória não participa do mesmo processo de “criação” de uma memória oficial, republicana. Nessa perspectiva os heróis memoráveis foram na verdade a população de Canudos, os seguidores de Antônio Conselheiro.

5 BIBLIOGRAFIAS

BENJAMIN, Walter; ROUANET, Sergio Paulo. O narrador. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. - São Paulo: Brasiliense, 1994.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões: campanha de Canudos**. 35a ed. - Rio de Janeiro: F. Alves, 1991.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. In: **Obras e vidas: o antropólogo como autor**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

KESSEL, Zilda. **A construção da memória na escola: um estudo sobre as relações entre memória, história e informação na contemporaneidade**. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, 2003.150p.

MOTTA, Marly Silva da. **A nação faz cem anos: a questão nacional no centenário da independência**. FGV: CPDOC, 1992.

ORWELL, George. **1984**. 29. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 2004.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. rev. Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p.3-15.

REZENDE, Maria José de. **Os sertões e os (des)caminhos da mudança social no Brasil**. Tempo social, rev.sociol.USP, São Paulo, nov de 2001.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Biblioteca Central. **Normalização de referências: NBR 6023:2002**. Vitória, 2006.

VILLAS BÔAS, Gláucia. Iluminista e romântico: o tempo passado em Os Sertões de Euclides da Cunha. **História, ciências, saúde**: Manguinhos, vol.1, n.1 (jul-out) 1994, Rio de Janeiro: FioCruz, Casa de Oswaldo Cruz, 1997, p.149-161.